

Expedição foi massacrada, eis uma história terrível

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

3/12/1968

MANAUS, 2 (Meridional) — As buscas nas áreas adjacentes à Maloca da Esperança prosseguem, num último esforço para tentar localizar os despojos do nono membro da expedição do Padre Calleri, massacrado pelos índios Aroaris. Oito corpos já foram encontrados, inclusive os restos de 2 mulheres que integravam a expedição, identificados pelos cabelos compridos e peças íntimas que esavam junto aos despojos.

O Serviço de Busca e Salvamento, nas proximidades da Maloca da Esperança, onde o Padre Calleri havia construído seu acampamento avançado, os crânios esmagados e ossos quebrados a golpes de facão. Os esqueletos estavam incompletos, mas foi possível identificar o crânio do Padre Calleri pelo dente de ouro e ocaurações de platina.

A cerca de duzentos metros da barraca construída para instalação do rádio-transmissor foram encontrados dois corpos juntos. Mais adiante, sempre à margem do rio, esavam mais seis corpos, alguns semicobertos pelas águas, que parecem ter subido de nível devido às inensas chuvas caídas recentemente. Pouco restava dos despojos: crânios e ossadas incompletas, algumas peças de roupas destroçadas. Em dois esqueletos havia peças íntimas femininas, e amos tinham os cabelos compridos, o que leva a crer sejam de Marina e Mercedes, as duas mulheres que integravam a expedição. Os despojos foram colocados em sacos e conduzidos a Moura, em helicóptero. Supõe-se que os crânios tenham sido esmagados a facão ou arco, pois, segundo o sertanista Gilberto, os Aroaris não usam bordunas. Alguns corpos esavam com as mãos amarradas, ou nos pes, possivelmente para serem arrastados ao local do massacre, a uns duzentos metros do acampamento do padre, junto à estação de rádio. Os corpos foram encon-

trados pelas equipes do SAR, constituídas por dois helicópteros SH-1D, escoltados pelo avião "Búfalo", que só conseguiu descer no local após duas tentativas, devido às densas nuvens que estavam a menos de cem metros do chão. Com a escolta do "aerocomander" do DNER, que estava incorporado à esquadrilha desde o início das buscas e que realizou o maior número de missões, conhecendo, portanto, perfeitamente a área, foi finalmente possível descer no local.

A área foi dividida em quatro subáreas, tendo como centro a Maloca, ao lado de outra ainda em construção, formando as duas uma linha perpendicular ao rio Santo Antônio.

Os despojos foram encontrados na subárea n.º 1 que, como a de n.º 3, fica à margem do rio. Ali estava a barraca feita pelos homens do Padre Calleri para instalação do transmissor. Também foi ali que o pessoal do SAR encontrou os objetos da expedição, inclusive um par de botas quase novo. Nas proximidades da "Maloca da Esperança" é que Alvaro Paulo da Silva dissera ter visto os corpos, ao procurar depoimento, dia 23 ao Tenente Ribas, coordenador-geral da missão de busca do Padre Calleri.

Nas buscas de sábado Alvaro não tomou parte por se achar com ataque de malária. Mas foi ele quem reconheceu os corpos, já em Moura, para onde os despojos foram transportados. O primeiro a ser reconhecido, pelo serviço de prótese — um dente de ouro e duas obturações de platina — foi o do Padre Calleri. Participaram das buscas, sábado, os sertanistas Gilberto e Peret e os homens do SAR.

As buscas demoraram duas horas e meia, com um total de 12 homens vasculhando a área.

DOIS DEPOIMENTOS IMPORTANTES

O mateiro Raul Vilhena, muito conhecido em Manaus, disse a Meridional que os Aroaris não podem ver arma de fogo sem represália imediata. Contou que antes da saída da expedição do Padre Calleri foi convidado pelo próprio padre para ir ajudá-lo, por ser profundo conhecedor da região e dos costumes dos indígenas, mas acabou não aceitando o convite. Ele acha que algum membro da expedição deve ter ofendido os índios, daí resultando o massacre. Os atroaris, acentuou, quando matam brancos costumam descarnar os corpos, queimando-os depois, em cerimônia especial, durante a qual ingerem uma bebida que eles mesmo fabricam.

Por sua vez, surpreso com o massacre da expedição do Padre Calleri pelos índios atroaris, o Comandante Dirceu Peres Chediak, que operava com helicópteros na região e que visitou a aldeia indígena no dia 19 de outubro, declarou que o fato deve ter sido causado pela disciplina que o padre pretendia impor aos índios desde os primeiros contatos, ou pela atitude belicosa de Alvaro, conhecido pelo apelido de "Mineiro", que era dado a valentias e apregoava que se algum índio se aproximasse dele seria fuzilado.

Contou o comandante que durante vários meses operou com helicópteros transportando material ao longo da estrada Manaus-Caacaraí. Devido ao acúmulo de trabalho, sua base era o acampamento da firma Transcon, encarregada das obras no quilômetro 212, a 45 km da aldeia dos atroaris. De uns tempos para cá os índios começaram a aproximar-se do acampamento, procurando contato com os brancos. A princípio o pessoal ficou receoso, mas os engenheiros da obra aconselharam que não demonstrassem medo e não fizessem uso de armas de fogo. Os índios aos poucos foram se aproximando e acabaram por chegar ao centro do acampamento. O pessoal, reunido, tratou de oferecer-lhes roupas, facões e outras ferramentas. Os índios ficaram muito alegres e, sempre rindo, entregaram diversos tipos de objetos de sua fabricação que haviam trazido e abraçavam e beijavam os brancos. A partir daí, as visitas tornaram-se freqüentes. Eles nunca demonstraram belicoidade.

Disse o comandante que poucos dias depois da última visita dos atroaris ao acampamento ele transportou do campo de São Gabriel um casal que se dizia integrante de uma expedição liderada por um padre e que iria manter contato com os índios daquela região. Tratava-se de um contratado do Departamento de Estradas de Rodagem do Amazonas e da sra. Maria das Mercês. Chegaram no dia 14 de outubro, viajando de avião, procedentes de Manaus. Instalados no acampamento os dois falaram sobre o que pretendiam fazer. Em seguida foram chegando outros, inclusive Alvaro, o "Mineiro". Todos ficaram no acampamento até o dia 22 de outubro, quando seguiram em canoas em direção à aldeia. Quando ao Padre Calleri, foi o último a chegar, no dia 21.

Durante o pouco tempo em que permaneceu no acampamento — pouco mais de 24 horas — o Padre Calleri afirmou que levava poucos presentes para os índios, pois tentava impor "uma disciplina rigorosa desde os primeiros contatos, a fim de que os silvícolas não ficassem viciados. Quanto a Alvaro, o "Mineiro", estava sempre armado. O comandante Che-

diak ressaltou que os atroaris sempre demonstraram grande receio das armas de fogo. Entravam nas barracas do acampamento, mas quando avistavam uma espingarda ou revólver saíam correndo. Um tiro no meio da selva representava um grito de guerra para os indígenas. Ninguém poderia pensar em contato com os silvícolas, com a idéia de criar uma disciplina rígida desde o início. Eles têm de ficar à vontade, até se acostumarem com a presença do civilizado. Há ainda a acrescentar que a expedição do Padre Calleri, de acordo com o que foi dado verificar, era constituída de pessoas desapegadas para tal missão. A maioria procedia dos quadros de trabalhadores contratados do Departamento de Estradas de Rodagem do Amazonas, que se ligaram à expedição por espírito de aventura.

Lembrou o Comandante Dirceu Chediak, para demonstrar o quanto os índios eram amigos, a visita que fez à aldeia indígena, no dia 19 de outubro.

Apesar de nos visitarem constantemente, a falta de tempo nos impediam de procurar a aldeia. No entanto, no dia 19, antes do término dos trabalhos da Transcon no Km 212, o engenheiro Cláudio Marques e eu resolvemos visitar os atroaris, para fechar com chave de ouro a tarefa que levávamos a efeito. Quando sobrevoávamos a aldeia, verificamos que os índios estavam alegres e nos acenavam, oferecendo cachos de banana. Ambiente propício, aterrissamos no centro da aldeia. Apesar do receio que demonstravam pelo barulho e pela hélice do aparelho, tão logo o motor do helicóptero foi desligado os índios se aproximaram, cada um deles com um cacho de bananas ou um objeto qualquer para nos dar de presente. O helicóptero ficou tão cheio que não decolou. Foi preciso eliminar parte da carga. Nesse dia tivemos, eu e o sr. Cláudio Marques a oportunidade de ver as mulheres e crianças da tribo. Eles ficaram distanciados e pareciam estar envergonhados. Muitas carregavam filhos às costas ou ao colo, presos com cipós. Todos andam completamente nus. Quando resolvemos encerrar a visita, fomos beijados pelos índios. Pareceu-nos que queriam que ficássemos mais tempo na aldeia.

Contou o comandante que no dia 21, quando chegou ao acampamento, o Padre Calleri demonstrou interesse em falar logo no dia seguinte. Queria entrar em contato com os índios imediatamente. Quando soube que eram mansos, ficou ainda mais apressado. No dia 22, a expedição deixou o acampamento rumo à aldeia. O trajeto ia ser feito em canoas, de tamanho regular.

— Até hoje não posso imaginar o que pode ter acontecido. E apesar da confiança que acredito tivesse merecido o Padre Calleri, custo a admitir que os atroaris tenham provocado qualquer desentendimento com a expedição. A bem da verdade, devo dizer que eles pouco se apresentavam armados e no dia em que visitamos a aldeia vimos poucas armas.

O Comandante Chediak afirma que as armas dos atroaris são muito bem confeccionadas. Os arcos medem mais de dois metros de comprimento e as flechas têm ponteiros de metal. Os facões que eles conseguem com os civilizados são transformados em ponteiros para as flechas. O Comandante trouxe várias flechas e arcos que ganhou dos silvícolas.

(2)

AS MULHERES MORTAS DA EXPEDIÇÃO *DIÁRIO das NOTÍCIAS*
3/12/1968



JOÃO GERALDO, VÍTIMA TAMBÉM

O PE. CALLERI

